

do *Repúblico*, onde circulou de 1º de julho de 1853 a 15 de dezembro de 1855, quando apareceu o 197º número. Vinha combater a *conciliação*, que estava esboçada e que constituiria, com o cancelamento da luta entre os partidos, inaugurada com o Gabinete presidido pelo marquês do Paraná, nova manobra reacionária, destinada a sonegar as contradições de que a sociedade brasileira era palco.

A reação era obrigada a enfrentar o debate das idéias. Fazia-o a seu modo, naturalmente: *A União*, redigida por monsenhor Pinto de Campos e pelo lente da Faculdade de Direito, Pedro Autran da Matta e Albuquerque, investia com fúria, em julho de 1852, continuando em agosto, contra as idéias socialistas, surgindo a polêmica entre Autran e Antônio Pedro de Figueiredo, quando o professor de Direito classificava o socialismo como “ímpio, anticristão, anti-social e anticivilizador”, brandindo a encíclica de Pio IX, de 1849. Ao que Figueiredo, hóspede de *A Imprensa* agora, teria de retrucar: “como o meu adversário trouxe por arrasto, no seu último artigo, o concílio provincial de Paris e o venerável Pio IX, não querendo eu ter a sorte de Galileu, deliberei não prosseguir em tal questão”. A polêmica é de 1852, mas já no ano seguinte, em janeiro, Romualdo Alves de Oliveira, com *O Artista Pernambucano*, voltava ao tema da nacionalização do comércio, na edição de 31 daquele mês e ano, afirmando que “de nada nos serviu a Independência; porque, se antes dela o comércio se achava em poder dos portugueses, depois dela a mesma coisa ou pior, logo não somos nação, mas vis colonos, que suportamos a hidrofobia dos nossos senhores!”. De 1855 a 1859 circularia também *O Povo*, redigido por Luís Ciríaco da Silva, de quem Alfredo de Carvalho, caracterizadamente, afirmou ser “homem de cor preta e desvairado por leituras incompatíveis com sua índole de primitivo e cultura inferior, especulou desbragada e torpemente com exagerados princípios nativistas e democráticos”. Ah! a historiografia oficial. . .

Características do pasquim

O ambiente do país, na época em que surgiram e se multiplicaram os pasquins, explica, de forma nítida a fisionomia áspera assumida pela pequena imprensa, comprovando como suas características derivavam diretamente das condições do meio. Estatística da fase regencial assinalava que, na Corte, apenas entre 7 de abril e 30 de maio de 1831, haviam sido presos por desordem e pancadaria 108 homens livres e 50 escravos; foram apreendidas armas a 102 pessoas; ocorreram 8 assassinios; apareceram 5 cadáveres;